

O NÚMERO 666 E AS DOZE TRIBOS DE ISRAEL

Revista Bíblica 68/3-4 (2006) 191-214

Adylson Valdez
Santos, Brasil

Resumo: diante do problema do número 666 (Ap. 13, 18), a maioria dos intérpretes modernos opta pela explicação gemátrica ou pela simbólica. Este artigo expõe as dificuldades internas, os erros e os acertos destas explicações. Como resultado da análise se conclui que a conjugação de ambas as interpretações é uma solução viável, não só pelo fato de que o autor do Apocalipse utiliza a cifra para ocultar um nome, mas também porque o número 666 indica claramente os antagonistas dos verdadeiros cristãos. A análise da lista das Doze Tribos de Israel (Ap. 7, 4-8) confirma este padrão de pensamento simbólico e tipológico.

Introdução

Sem dúvida, a passagem mais enigmática do livro do Apocalipse se encontra nos versículos 17 e 18 do seu capítulo 13, na qual o autor nos revela o número do nome da Besta, que é 666.

Através dos tempos, os estudiosos da Bíblia procuraram um nome que correspondesse a este número, levando em conta não só sistemas alfabéticos de numeração como também o aspecto anticristão de um determinado personagem proeminente da História. Paralelamente a este modo de interpretação, outra linha de pesquisadores vislumbrou na cifra enigmática uma qualidade simbólica do ponto de vista bíblico.

Não obstante estes esforços, pode-se observar em ambas as interpretações muitas dificuldades e enganos, de maneira que é necessário rever-se os seus sistemas para se descobrir nelas algum mérito com relação às suas propostas.

Este artigo procura justamente proceder a esta revisão, observando a possibilidade da conjugação das duas interpretações, assim como trazer um indício da influência do simbolismo particular e tipológico do número 666 na formação da lista das Doze Tribos de Israel, encontrada em Ap. 7, 4-8.

1. As duas principais interpretações sobre o número 666¹

1.1 A interpretação pela gematria

A vertente interpretativa de que vamos tratar neste item defende a posição de que 666 é o resultado da soma dos números correspondentes às letras do nome da Besta (Ap. 13, 17; 14, 11; 15, 2), conforme o antigo sistema de numeração utilizado pelos gregos e judeus. Esta operação chama-se gematria.²

¹ Além das duas interpretações apresentadas neste texto existem mais duas outras: uma que procura soluções meramente matemáticas, com base em sistemas pitagóricos ou em outros sistemas. É o caso de G. A. van den Bergh van Eysinga, em 'Die in der Apokalypse Bekämpfte Gnosis', *ZNW* 13 (1912): 293-305, que propõe a fórmula $n(n+1) : 2 = 1 + 2 + 3... + n$, para achar-se o número triangular de 8, ou seja, 666, o qual, portanto, refere-se ocultamente ao oitavo rei de Ap. 17, 11. A outra interpretação é de natureza cronológica, que considera 666 a duração do domínio da Besta ou do poder anticristão. Nela existem três vertentes: a) 666 anos é a duração do paganismo até o imperador romano Constantino; b) a cifra corresponde à duração do período muçulmano; c) e o número representa a duração do papado.

² Provavelmente a palavra "gematria" vem do vocábulo grego *geometría*. A gematria remonta à época do rei assírio Sargão II, tendo sido utilizada por intérpretes de sonhos na Grécia, por magos persas e pelos romanos (v. Maurice H. Farbridge, em *Studies in Biblical and Semitic Symbolism* [Trubner's Oriental Series, N. York: 1923]: 93-95, esp. 94-95). Os judeus chegaram a utilizá-la na literatura apocalíptica, durante o século I d.C. Um exemplo são os *Oráculos Sibílicos*, que no seu livro 5 enumeram vários nomes gregos de imperadores. Em *Orac. Sybill.* 5, 12-15 (80

A primeira notícia da utilização desta forma de interpretação entre os cristãos encontramos em Ireneu (séc. II d.C.), o qual recomendou aguardar o cumprimento da profecia do Apocalipse para se saber qual é o nome correspondente ao número 666, pois uma quantidade enorme de palavras pode conter a cifra. Não obstante isto, ele propôs os nomes gregos *Euanthas* (“florações” ou “botões”, acusativo plural de *euanthes*), *Lateinos* (“Latino”, referindo-se ao império romano) e *Teitan* (“Titã”, para indicar um rei tirano).³ Ireneu ainda menciona uma variante da cifra, 616, encontrada em alguns manuscritos, considerando-a uma falha dos copistas.⁴ Mais tarde, Vitorino de Pettau concorda com Ireneu, repetindo *Teitan*, mas acrescentou os nomes *Antemos* (do grego, “Contrário”) e *Genserikos* (forma grega do gótico *gaisa-reik*, “Lança-Rei”), bem como as letras latinas DICLVX (correspondentes a *Teitan*, conforme o sistema numérico romano).⁵

Tendo em vista as perseguições feitas contra o cristianismo nos primeiros séculos da Era Cristã, as propostas de gematria que se seguem através da História representam nomes e títulos imperiais romanos, sendo muitas e variadas. Entre elas, com relação a 666, podemos mencionar: *Oulpios*, sugerida por Grotius, forma grega do latim *Ulpus*, vocábulo designativo do clã do imperador Trajano; *Diocles Augustus*, referente ao imperador Diocleciano, utilizando-se as letras DICLVVV conforme o sistema numérico romano, criada por Bossuet; e as primeiras letras e sílabas (marcadas em itálico) de Autokrator *Kaisar Domeianos Sebastos Germanikos*, título imperial de Domiciano, em grego, encontrado em uma antiga inscrição, proposta por Stauffer.⁶

Para a variante 616, sugeriram-se: *Kaisar Theós* (em grego, “César Deus”), imaginada por Deissmann; *Gaios Kaisar*, referindo-se a Calígula, gematria grega sugerida por Spitta; e o título hebraico *Qeysar Dwmytyanus* (“César Domiciano”), sugerido por Hartingsveld.⁷

Podemos citar ainda a gematria hebraica *tehom qadmoniyah* (“o caos primordial”), para 666, conforme Gunkel; assim como *he latinè basileía* (do grego, “o reino latino”) para 666 e *he italè basileía* (“o reino italiano”) para 616, criadas por Clemen.⁸

Entre 1831 e 1837, os estudiosos alemães Fritzsche, Benary, Hitzig e Reuss propuseram para 666, de forma independente, *Nrwn Qsr* (uma transliteração do grego para o hebraico do nome “Nero César”, formada por nun = 50, resh = 200, vav = 6, nun = 50, kof = 100, sâmek = 60 e resh = 200, conforme o sistema numérico hebraico usado no século I d.C., que era limitado até o número 400).⁹ Como esta teoria reafirma a lenda do Nero *redivivus*,¹⁰ a proposta ganhou a

d.C.) temos enunciados os nomes de Júlio César e Augusto da seguinte forma: “Existirá o primeiro príncipe que somará duas vezes dez com sua letra inicial. Ele vencerá em guerras por muito tempo. Ele terá sua primeira letra de dez, de modo que, após ele, reinará alguém que teve como inicial a primeira letra do alfabeto” (trad. do autor deste artigo). Também é constatada a utilização entre os gnósticos (v. Ireneu, *Adv. Haer.* 1.24.7) e especialmente entre os cristãos, sendo que estes últimos chegaram a acrescentar nos próprios Oráculos alguns trechos de gematria, por volta do ano 150 d.C. Um exemplo clássico é *Orac. Sybill.* 1, 324-331, onde encontramos o número 888 para *Iesoûs* (“Jesus”). Outro testemunho cristão mais tardio descobrimos em *Barn.* 9, 8. A gematria também é chamada de “isopsefia” ou “isopsefismo”.

³ Ireneu, *Adv. Haer.* 5.30.3. Ireneu cita *Euanthas* apenas para demonstrar que qualquer palavra pode conter 666. Mas, em sentido metafórico, ela pode significar “Nobres” ou “Deuses”; e *Euanthes* também era um dos nomes do deus Baco.

⁴ Ireneu, *Adv. Haer.* 5.30.1. O número 616 surge no Códice Efraimita.

⁵ Vitorino de Pettau, *Commentarius in Apocalypsim*: cap. 13 (*PL Suppl.* 1, 110). Esta obra data de 300 d.C.

⁶ H. Grotius, *Annotationes in Novum Testamentum* (W. Zuidema, Groningen: 1630): vol. VIII, p. 368; Jacques-Bénigne Bossuet, *L'Apocalypse avec une explication* (Sebastien Mabre-Cramoisy, Paris: 1689): 302; E. Stauffer, ‘666’, *ConNT* 11 (1947): 237-41.

⁷ G. A. Deissmann, *Light from the Ancient East* (Hodder and Stoughton, London: 1910): 344; F. Spitta, *Die Offenbarung des Johannes untersucht* (Weisenhauses, Halle: 1889): vol. XII, p. 134-136 e 369-371; L. van Hartingsveld, ‘Die Zahl des Tieres, die Zahl eines Menschen: Apokalypse XIII.18’, *Miscellanea Neotestamentica* 2 (1978): 191-201.

⁸ H. Gunkel, *Schöpfung und Chaos in Urzeit und Endzeit* (Vandenhoeck und Ruprecht, Göttingen: 1895): 377; C. Clemen: ‘Die Zahl des Tieres Apc 13:18’, *ZNW* 2 (1901): 109-14; ‘Nochmals die Zahl des Tieres’, *ZNW* 11 (1910): 204-23; ‘Die Zahl 666, ein Hinweis auf Trajan?’, *Protestantische Monatshefte* 25 (1921): 144-48.

⁹ C. F. A. Fritzsche, *Annalen der gesammten theologischen Literatur und der christlichen Kirche überhaupt*, ano I, vol. 3, fascículo 1, II (Leipzig: 1831): 42-64, esp. 59-60; F. Benary, *Zeitschrift für speculative Theologie*, vol. 1, fascículo 2, V (Berlin: 1836): 205-206; F. Hitzig, *Ostern und Pfingsten* (Heidelberg: 1837): 3; E. Reuss, *Allgemeine Literatur-Zeitung*, die Intelligenzblätter, vol. V, 62, IV (Halle: Sept., 1837): 520.

aceitação da grande maioria dos especialistas, apesar de adotar uma gematria de letras hebraicas (o Apocalipse foi escrito em grego e se destinou a pessoas de fala grega; porém, deve-se lembrar que o autor pensava em hebraico, pois utilizou hebraísmos e cometeu muitos erros gramaticais). Contrapôs-se a esta gematria que a forma *Qsr* é defeituosa, sendo que a correta é *Qysr* (com a letra iod). Ewald observou, em contrapartida, que *Qsr* é encontrada em inscrições e documentos siríacos descobertos em Palmira, datados do século III d.C.¹¹ Charles argumentou que o dicionário de Marcus Jastrow admite a forma *Qsr* (v. nota 13), e ainda citou a possibilidade de que 616 corresponderia à mesma gematria sem a letra nun final de *Nrwn* (conforme uma transliteração a partir da forma latina do nome).¹² Por fim, na década de 1950, foi descoberto entre os manuscritos do Mar Morto um documento em aramaico com *Qsr*, datado do segundo ano do reinado de Nero, fato que acabou confirmando a probabilidade da teoria.¹³

1.2 A interpretação simbólica

Ireneu foi o primeiro de que se tem notícia a apontar um significado simbólico bíblico para 666, embora em conjugação com a gematria, ao relacioná-lo à recapitulação da iniquidade, referindo-se aos 600 anos de Noé, data do dilúvio (Gên. 7, 6.11), e às medidas da estátua do rei babilônio Nabucodonosor, 60 côvados de altura e 6 de largura (Dan. 3, 1.7).¹⁴

Devido à menção destas passagens do Antigo Testamento por Ireneu, os adeptos do simbolismo procuraram outras passagens onde surgem os números 6, 60, 600 e 666. Geralmente, as sugestões dos outros trechos se baseiam nas relações que existem entre as circunstâncias relatadas ou características das passagens e o conteúdo humano e tipológico que possam vir a ter. Assim, além dos trechos de Ireneu, é comum mencionar Gên. 1, 26-31 (a criação do homem no sexto dia da primeira semana) e 1 Sam. 17, 4.7 (a altura do gigante Golias, de seis côvados e um palmo, e o peso da ponta de sua lança, de 600 siclos de ferro). Volta e meia, também encontramos a menção de 2 Sam. 21, 20-21 (o gigante de Gat, com seis dedos em cada mão e pé, derrotado por um parente de Davi).

Na busca do número 666, os estudiosos encontraram 1 Reis 10, 14 (666 talentos de ouro levados anualmente a Salomão; v. 2 Crôn. 9, 13), por sugestão de Beda, e Esdras 2, 13 (a quantidade dos filhos de Adonicam), sugerida por Hengstenberg.¹⁵

Na tentativa de achar os significados que dimanam destas passagens, chegou-se à conclusão de que o número seis simboliza o homem, o qual, por não ser indicado pelo número sete, que se refere a Deus (Gên. 2, 1-3), lembra que jamais poderá atingir a perfeição. Assim, o número 666, por ser o resultado de seis multiplicado por 1, 10 e 100, ou, por ser composto de três seis seguidos, significa um homem imperfeito, completamente iníquo e perdido, arrogante e com a

¹⁰ Boato surgido após a morte de Nero, segundo o qual ele ressurgiria na Ásia após a sua morte, para comandar um assédio a Roma com a ajuda do exército dos partos. Este boato foi mencionado por Tácito (*Hist.* 1.2; 2.8-9), Suetônio (*De Vita Caesarum, Nero* 40 e 57), os quais falam do surgimento de falsos Neros na Ásia Menor (anos 69, 80 e 88 d.C.), e pelos Oráculos Sibilinos (4, 137-139; 5, 93-110.137-154.361-385). O autor do Ap. parece tê-lo adotado em 13, 3 e 17, 8.10. É interessante lembrar que Filóstrato (*Vit. Apoll.* 4.38) e os Oráculos (5, 343; 8, 157) se referem a Nero como a uma Besta.

¹¹ H. Ewald, *Johanneische Schriften* (Göttingen: 1862): vol. 2, p. 263.

¹² R. H. Charles, *A Critical and Exegetical Commentary on the Revelation of St. John* (T. & T. Clarke, Edingburgh: 1920): vol. 2, p. 367. Fritzsche e Benary foram os primeiros a sugerir esta alternativa (v. nota 9).

¹³ O documento foi encontrado em Wadi Murabba'at (*DJD* II, n. 18, tav. XXIX), como relata D. R. Hillers, em 'Revelation 13,18 and a Scroll from Murabba'at', *BASOR* 170 (1963): 65. Ele se trata de um contrato de empréstimo, escrito em aramaico, tendo na primeira linha a frase "ano dois de Nero César", ou seja, ano 55 d.C. O título "César" foi escrito com as letras kof, sâmek e resh. Estas duas últimas estão danificadas. Mas dá para se verificar que não há espaço suficiente para se colocar a letra iod entre kof e sâmek. Deve-se dizer que, mesmo que esta confirmação não existisse, *Qsr* seria possível porque existem palavras derivadas, como as transliterações *Qsrwn* e *Qsrywn* ("Cesareia"), encontradas em *Oholot* 18.9 (ed. Dehr.) e *Mekhilta B'shallah, Amal.*, s. 2 (v. M. Jastrow, em *A Dictionary of the Targumin, the Talmud Babli and Yerushalmi, and the Midrashic Literature* [London, N. York: 1903]: 1365) e porque o uso de consoantes vocálicas era arbitrário, como vemos, por exemplo, na palavra hebraica *gadol* ("grande"), grafada *gdwl* em Gên. 4, 13 e *gdl* em Deut. 26, 8.

¹⁴ Ireneu, *Adv. Haer.* 5.29.2.

¹⁵ Beda, *Explanatio Apocalypsis* (PL 93, 172.D); E. W. Hengstenberg, *The Revelation of St. John Expounded for those who search the Scriptures* (Mack Publishing, Edinbourg: 1852): 52.

pretensão de ser deus, partidário do Mal, remetendo a 2 Tes. 2, 3-8 e especialmente a Dan. 7, 8.11.25-27 e Ap. 13, 1-8; 17, 8; 19, 19-20.¹⁶

Sem dúvida, pode-se extrair dos textos várias relações, como, por exemplo, os gigantes derrotados por Davi e por seu parente, lembrando Jesus, o descendente de Davi, derrotando o Anticristo, um homem poderoso (v. Ap. 13, 2; cf. 1 Sam. 17, 36, quanto às figuras do leão e do urso); o dilúvio, destruição da humanidade, rememorando antecipadamente o Juízo Final, combinando-se com Mat. 24, 37-39 e Luc. 17, 26-30; e a sensação de fragilidade e caricatura na figura do homem forte, gigantesco, inimigo estrangeiro, que remete aos antigos gigantes de Gên. 6, 4, a ser derrotado facilmente pelo Messias com um sopro, como diz Paulo (2 Tes. 2, 8).

Um outro fundamento para a interpretação simbólica é a utilização de múltiplos de seis no Apocalipse (42 e 1.260: Ap. 11, 2-3.9.11; 12, 6.14; 13, 5), formando um padrão de raciocínio matemático apocalíptico, que está relacionado ao tempo do governo da Besta (um padrão que deriva de Dan. 7, 25; 8, 14; 9, 24-27; 12, 11-12).¹⁷

2. A análise das duas interpretações

Como podemos verificar, as duas interpretações possuem fundamentos aparentemente convincentes dentro da lógica de seus sistemas interpretativos. No entanto, ambas apresentam algumas dificuldades.

Com relação à interpretação pela gematria, embora ela pareça ser simples e óbvia perante o contexto histórico e a literatura apocalíptica, o problema se encontra no fato de que a descoberta do nome tem de enfrentar um processo mental altamente complexo. Deve-se lembrar que o Apocalipse, ao contrário do apócrifo *Oráculos Sibílicos* (v. nota 2), não dá nenhuma equação de letras, e as únicas coordenadas que nele se encontram para se descobrir o nome são: a frase *arithmòs gàr anthrópou estín* (“pois é número de homem”); e a revelação do número correspondente à Besta e ao seu nome. Admitindo-se a teoria de que o nome possa corresponder à gematria *Nrwn Qsr* e de que o autor pensava na lenda do Nero *redivivus*, o leitor, tendo somente em mãos as coordenadas daquela frase e da revelação do número, teria que, em primeiro lugar, deduzir que o Anticristo seria uma pessoa; depois, conhecendo previamente a lenda, concluir, pela análise dos capítulos 13 e 17, que João a adotou, e que as sete cabeças da Besta e as sete montanhas são imperadores romanos; e, por fim, já sabendo que o Anticristo era Nero, imaginar uma transliteração do grego para o hebraico que correspondesse ao título “Nero César”, mas sem a letra iod. A complexidade deste processo denota que ele não poderia ser empreendido por um leitor comum despreparado, mas sim por uma pessoa iniciada nos códigos de João ou que se propusesse a fazer todo este exercício mental por um estudo bastante

¹⁶ As ideias da multiplicação de seis por 1, 10 e 100, e de imperfeição encontramos primeiramente em Rupert de Deutz, *Commentarius in Apocalypsim* (PL 169, 825-1214, esp. 1088); e no *Corpus Thomisticum*, em *Expositio super Apocalypsim*, caps. 13 e 15. Alguns comentaristas do século XX reafirmaram as mesmas ideias, como W. E. Beet, em ‘The Number of the Beast’, *Expositor* 8, ser. 47, 121 (1921): 18-31, esp. 25, o qual menciona ainda a tese dos três números seis seguidos; e Ch. Brüttsch, em *La Clarté de L’Apocalypse* ([Labor et Fides, Genève: 1940]: esp. 26 e 232), que reforça a tese da imperfeição.

¹⁷ Charles (p. 367) menciona alguns formuladores desta tese: Milligan, em *Baird Lecture*: 328; Briggs, em *Messiah of the Apostles* ([C. Scribner’s, N. York: 1895]: 324); Porter, em *Hastings’ Dictionary of the Bible* 4: 258; e Vischer, em *ZNW* 4: 167-74. Em contrapartida, recentemente A. Yarbro-Collins, em ‘Numerical Symbolism in Jewish and Early Christian Apocalyptic Literature’, *ANRW* II.21.2 (1984): 1221-87, esp. 1271-72, observa que em nenhum outro lugar do Ap. o número seis simboliza a imperfeição ou o Mal; que as alusões de três e metade de tempos ou anos não podem apoiar a hipótese simbólica porque derivam do livro de Daniel e de sua tradição, indicando apenas uma duração determinada e limitada do tempo de tribulação; que o número seis é chamado de número perfeito por Fílon (v. nota 19); e que o Dragão e a Besta se apresentam simbolicamente por meio do número sete, não por seis (Ap. 12, 3; 13, 1). No entanto, o número seis parece indicar a apostasia em Ap. 7, 6 (v. item 3 deste artigo), e João usa 666 para marcar os antagonistas de Deus, de Jesus e dos cristãos, ou seja, os que se mostram partidários do Dragão, da Besta e do Mal (Ap. 13, 17; 14, 9-11; 15, 2; 19, 20; 20, 4). Embora as menções de dias, tempos e meses não devam ter influenciado João na criação de 666, no Ap. elas possuem um sentido negativo, porque se referem à época de perseguição da Besta contra os cristãos. Por fim, o uso de sete para o Dragão e a Besta nada tem a ver com o simbolismo do Mal. Trata-se apenas de uma repetição do princípio sétuplo que permeia todo o livro, o qual tem o objetivo de reduzir a história e seus personagens à perspectiva cíclica celestial escatológica.

cuidadoso do gênero apocalíptico, de suas regras peculiares e da literatura respectiva existente na época, assim como teria de ser um judeu ou um conhecedor da língua judaica.

Quanto à interpretação simbólica, apesar de fazer correspondência com trechos bíblicos onde se encontram os números 6, 60, 600 e 666, ela ignora o fato de que o número 666 oculta obrigatoriamente um nome (v. Ap. 13, 17; 14, 11; 15, 2).¹⁸ Outrossim, não existe nenhuma evidência no Apocalipse de que João tenha se baseado nas passagens apontadas por esta explicação e as tenha interpretado no modo como ela as interpreta. Na realidade, o número seis, em suas formas cardinal e ordinal, do ponto de vista dos contextos, não possui, na Bíblia, os significados que a interpretação simbólica utiliza. Como se verá a seguir, as passagens de Gên. 1, 26-31; 1 Reis 10, 14-20.23; Dan. 3, 1.7; 1 Sam. 17, 4.7; 2 Sam. 21, 20-21; e Gên. 7, 6.11 não possuem a intenção primária objetiva de expressar o símbolo distintivo do homem, a idolatria, a inimizade ao Messias, a recapitulação da iniquidade, o Mal, a apostasia e a imperfeição. Também deve ser observado que o número seis não é exclusivo da figura do homem, mas também, às vezes, é usado para animais, e, por outro lado, pode ter tanto uma conotação positiva como negativa.

O número seis originalmente está conectado com a semana de sete dias, indicando o término de uma atividade ou de um período necessário e suficiente para se completar uma determinada situação. Assim, o escravo hebreu deve servir por seis anos e no sétimo será libertado (Gên. 31, 41; Êx. 21, 2); o homem trabalhará durante seis dias e descansará no sétimo (Êx. 16, 26; 20, 9-11); e a terra será semeada por seis anos, mas deve permanecer em paz no sétimo ano (Êx. 23, 10-11). Enquanto o número sete significa liberdade, descanso, felicidade, paz e inatividade, bem como dedicação ao culto de Deus, com justiça e respeito à lei, o número seis remete ao sofrimento, ao trabalho, à escravidão, à construção da existência para haver uma liberação ou o gozo pleno em uma próxima fase.

Em decorrência deste significado básico, o número seis também passa a ter o conteúdo de cumprimento, totalidade perfeita, completeza, construtivismo e acabamento. A influência do princípio sétuplo gera no número seis o sentido de limite máximo, de um ápice alcançado. Este significado parece ser uma decorrência do fato de que seis é um número par, o que induz à ideia de perfeição de uma obra ou ação.¹⁹ É o caso da criação do homem no sexto dia, que completa definitivamente toda a obra divina (Gên. 1, 26-31); da queda da muralha de Jericó após seis dias (Jos. 6, 3-5.14-15); do aniquilamento total do inimigo com o lançamento simbólico de seis flechas (2 Reis 13, 19); e das medidas perfeitas do templo de Deus na visão de Ezequiel (Ez. 40, 5.12; 41, 1.3.5.8).

Outros significados extensivos do significado de limite máximo surgem ao longo da Bíblia:

a) imponência, opulência e grandiosidade: na medida do comprimento do templo de Salomão (60 côvados: 1 Reis 6, 2), na quantidade de sua riqueza (666 talentos e 600 siclos de ouro: 1 Reis 10, 14-20.23) e nas medidas da estátua de Nabucodonosor (60 côvados de altura e 6 de largura: Dan. 3, 1.7);

b) numerosidade, abundância e força, nos números altos: um exemplo singelo é Cânt 3, 7 (60 guerreiros), um mediano é Juízes 18, 11 (600 homens; cf. 1 Sam. 13, 15; 23, 13) e um outro extremo é Êx. 12, 37 (600.000 homens; cf. Núm. 11, 21 e 1 Sam. 13, 5). Também encontramos o sentido de numerosidade para a quantidade de animais (Núm. 7, 88: 60 carneiros, 60 bodes e

¹⁸ Em Ap. 14, 11 João escreveu “a marca do seu nome”, ao invés de “o número do seu nome”. Pode-se dizer que, assim como a marca, o número tem autonomia com relação ao nome, ou seja, o número indicaria a pessoa da Besta qualquer que fosse o seu nome, independentemente de uma gematria. No entanto, em forma diversa da marca, João exige um raciocínio para se achar o número, o que pode indicar o uso necessário da gematria com relação ao nome, especificamente.

¹⁹ Fílon afirma que seis é o primeiro número perfeito a partir da primeira unidade, porque é o resultado da adição de 3 + 3 e de 2 + 2 + 2, e ainda da multiplicação de 3 x 2, os quais, por serem respectivamente o primeiro número ímpar e o primeiro número par, nas qualidades de macho e fêmea, dão ao número seis a condição de ser o número mais perfeito para possibilitar a criação do mundo (*De Mundi Opificio* 3.13-15). Na Bíblia, a cifra geralmente é composta tendo por base o número três. Por exemplo: a) 3 + 3 = 6: Êx. 37, 19; 2 Reis 13, 19; b) 3 x 2 = 6: Isaías 6, 2; c) 33 + 33 = 66: Lev. 12, 4-5. É interessante notar que os significados de limite máximo, perfeição e numerosidade às vezes se conjugam. Isto verificamos em Gên. 46, 26-27, cuja passagem deixa entrever o preparo de 66 para 70, conforme o princípio da semana de sete dias.

60 cordeiros). Nos evangelhos, a fração de 60 por 1 indica abundância, grande produção (Mat. 13, 8.23; Marc. 4, 8.20),²⁰

c) enorme força física guerreira que está sujeita à fácil derrota e ao ridículo: encontramos este sentido nos 600 melhores carros do Faraó, cujos guerreiros foram afogados (Êx. 14, 6-7.27-28); na altura de Goliás, de seis côvados e um palmo, e no peso da ponta de sua lança, de 600 siclos de ferro, o qual foi derrotado por Davi (1 Sam. 17, 4.7); e nos seis dedos do gigante de Gat, morto por um parente de Davi (2 Sam. 21, 20-21);²¹

d) marcação de um momento crucial, final e dramático: é a data escatológica do dilúvio nos 600 anos de Noé (Gên. 7, 6.11); e as trevas da sexta hora na agonia de Jesus (Mat. 27, 45; Marc. 15, 33; Luc. 23, 44; João 19, 14).

Por outro lado, apesar das dificuldades e enganos, ambas as interpretações são admissíveis, considerando-se alguns pontos.

A primeira interpretação harmoniza-se com o contexto histórico da época de João, no qual a gematria era largamente usada entre os gregos, judeus e romanos, havendo vários testemunhos literários dentro do gênero apocalíptico. De fato a lenda do Nero *redivivus* era bastante conhecida na Ásia Menor (João endereça seu livro a esta região), justamente na ocasião da escrita do livro, quando surgiram falsos Neros, conforme testemunhos de Tácito e Suetônio, a qual facilitaria a identificação das cabeças e montanhas de Ap. 13 e 17 com os imperadores romanos.²² Também, a complexidade para se achar o número parece estar de acordo com o intuito do autor, pois ele nunca revela claramente o meio de se achar o significado de suas alegorias e símbolos, exigindo um conhecimento prévio da Sagrada Escritura que somente um judeu ou um estudioso acurado e detalhista poderiam ter. Esta exigência parece ser bem evidente nas seguintes frases de Ap. 13, 18: *Hòde he sofía estín; ho ékhon noûn psefisáto tôn arithmòn toû theríou* (“a sabedoria está aqui: quem tem raciocínio calcule o número da Besta”); ou seja, somente alguém que tivesse a capacidade de compreender e que estivesse preparado com *sofía* (“sabedoria”) poderia indicar as letras para se chegar ao número.²³

A interpretação simbólica procura uma base bíblica para fundamentar sua proposição, o que é absolutamente válido, pois o autor do Apocalipse está bastante influenciado por várias passagens bíblicas, especialmente por trechos do livro de Daniel. Os significados de iniquidade, perdição, apostasia, idolatria e de relação com o Mal estão presentes na aplicação que João faz para o número, já que 666 marca os antagonistas de Deus, de Jesus e dos cristãos, bem como os cristãos apóstatas. Mas estes significados de 666 emanam exclusivamente do texto do Apocalipse, não dos textos do resto da Bíblia, em sua intenção original. É possível deduzir, no entanto, que João possa ter sido inspirado pelas passagens em que os inimigos de Davi se apresentam com uma força física gigantesca, demonstrada pelo número seis multiplicado por cem e por quatro, a qual é poderosa apenas aparentemente, pois eles são derrotados facilmente pelo rei e por seus heróis (v. letra c acima).²⁴ Isto porque há uma relação tipológica bastante

²⁰ Este significado de numerosidade também é atribuído aos demais números quando estão na dezena, centena e milhar.

²¹ Outros números também assumem este significado, por meio do princípio encontrado em Lev. 26, 8, como: 300 (1 Crôn. 11, 11.20), 400 (1 Sam. 30, 17), 800 (2 Sam. 23, 8) e 900 (Juizes 4, 3.13-16). No caso de 2 Mac. 8, 1.16.24.30, o simbolismo de 6.000 induz à ideia de vitória milagrosa.

²² A hipótese mais adotada entre os estudiosos é a de que os imperadores são Augusto, Tibério, Calígula, Cláudio, Nero, Vespasiano e Tito, suprimindo-se Galba, Otão e Vitélio, que ocorreram entre Nero e Vespasiano. Mas, o mais provável é que o autor deve ter aplicado o seu princípio de reduzir tudo a sete, preocupando-se mais em ressaltar os dois últimos imperadores (Vespasiano e Tito), durante os quais teria escrito o seu livro, como ele deseja insinuar em Ap. 17, 10.

²³ É interessante o fato de que o nome de nascimento de Nero, *Lucius Domitius Ahenobarbus*, e o título “César” também permitem imaginar uma gematria grega que resulta no número 666. Entre os Doze Césares, o nome “Lúcio” foi atribuído somente a Nero. Em grego, “Lúcio” é *Loúkios*, cujas letras gregas somam 606. Para chegar-se a 666, é necessária a letra xi, que vale 60. Esta letra é pronunciada “ks”, lembrando-nos a forma grega de uma das abreviaturas utilizadas nos antigos documentos romanos para “César”, que foi “CS” (v. *Encyclopedia Britannica*, 11ª edição, 1911, verbete *Abbreviation*). Portanto, leva-nos também ao correspondente grego *Kaisar*. O mais surpreendente é que a letra xi surge três vezes em *hexakósioi hexékonta héx* (666 em grego; v. Ap. 13, 18): ela poderia estar remetendo ao título “César” e talvez fosse a marca da Besta (Ap. 13, 17; 14, 11).

²⁴ O exemplo de Êx. 14, 6-7 também parece ter este mesmo sentido, pelo fato de que o exército do Faraó é tragado pelas águas do Mar Vermelho; ou seja, seu poder se torna frágil perante o poder divino que protege o povo hebreu.

clara entre os inimigos de Davi e o Anticristo, que é o antagonista de Jesus. A relação com a idolatria também é possível diante de Dan. 3, 1.7 e Ap. 13, 14-15.²⁵

Devido a estes pontos, a conjugação parece ser consequente, pois o texto de João permite a aplicação de ambas as interpretações ao mesmo tempo. Hipoteticamente poderíamos dizer que a gematria *Nrwn Qsr* teria sido imaginada sem a letra iod justamente para que o número a ser obtido fosse 666: uma cifra feita deliberadamente desta forma com o fim de remeter ao significado simbólico e talvez tipológico do Anticristo de maneira perfeita e veemente.

Naturalmente que o conteúdo simbólico particular de 666 pode ter gerado um padrão de pensamento que tenha influenciado o autor na elaboração de outras passagens do Apocalipse, considerando-se também a possível relação tipológica do número.

A busca de outras passagens, especialmente aquelas que remetem a múltiplos de seis, revela que, entre elas, a lista das Doze Tribos de Israel, contida em Ap. 7, 4-8, parece apontar sutilmente para este padrão simbólico e tipológico de pensamento, tendo em vista a evidente substituição da tribo de Dã pela de Manassés no sexto lugar da lista, por razões visivelmente teológicas.

Por este motivo, iremos analisar aquele trecho e realçar um indício interno que, devido ao seu possível conteúdo tipológico e bíblico, pode confirmar a função não só gemátrica como simbólica do número 666.

3. O simbolismo do número seis em Ap. 7, 4-8

3.1 Estudo analítico da formação de Ap. 7, 4-8 e de seus objetivos símbolo-teológicos

O presente estudo terá como objetivo demonstrar que o autor do Apocalipse tinha em mente um significado simbólico de apostasia e antagonismo ao Messias para o número seis, considerando-se que este mesmo significado é encontrado ocultamente no nome do sexto lugar da lista de Ap. 7, 4-8, e que esta foi manipulada por João para que houvesse a aplicação deste simbolismo sobre aquela posição. Este simbolismo teria sido aplicado por causa da influência do próprio número 666, devido à sua relação com o Anticristo. Então, tendo esta premissa em mente, vamos proceder à análise.

No capítulo 7 o autor do Apocalipse relaciona as Doze Tribos de Israel conforme a seguinte ordenação: Judá, Rubem, Gad, Aser, Neftali, Manassés, Simeão, Levi, Issacar, Zabulon, José e Benjamin. Esta lista pode ser estudada de acordo com:

a) os grupos de filhos de cada esposa de Jacó: Judá-Rubem, filhos de Lia; Gad-Aser, filhos de Lia, por meio da sua escrava Zelfa (Gên. 30, 9-13); Neftali-Manassés, respectivamente, filho de Raquel, por meio da sua escrava Bala (Gên. 30, 3.7-8), e neto de Raquel, por meio do seu filho José (Gên. 46, 27; 48, 1); Simeão-Levi-Issacar-Zabulon, filhos de Lia; e José-Benjamin, filhos de Raquel;

b) os grupos geograficamente próximos: Judá-Rubem-Gad (sul, sudeste e este); Aser-Neftali (norte e nordeste); Manassés, isolado no centro, sem formar um grupo; Simeão-Levi (sul e sudeste); Issacar-Zabulon (centro-norte e nordeste); e José-Benjamin (centro e sudeste);

c) o conteúdo histórico, político e teológico de cada tribo, tendo por base textos bíblicos, não canônicos e patrísticos;

d) a comparação com as demais listas existentes na Bíblia e na literatura judaica antiga;

e) uma seleção de listas que apresentem as sequências que compõem Ap. 7, 4-8.

Do ponto de vista dos grupos de filhos de cada esposa de Jacó, podemos notar que Lia se faz representar no início das primeira e segunda metades da lista, havendo uma separação entre os grupos Judá-Rubem e Simeão-Levi-Issacar-Zabulon — que são tribos oriundas dos seus filhos legítimos — mediante o grupo Gad-Aser, gerado da sua escrava Zelfa, e o grupo Neftali-Manassés, que pertence a Raquel. Esta sucede Lia com os grupos subseqüentes em cada metade:

²⁵ Não obstante o simples significado contextual de opulência, a passagem de 1 Reis 10, 14, que contém o número 666, pode também remeter à ideia de apostasia, diante do fato de que Salomão adotou os deuses de suas mulheres (1 Reis 11, 1-13).

Neftali, tribo que provém de sua escrava Bala; Manassés, advinda do primogênito de José (portanto, neto de Raquel); e José-Benjamin, grupo derivado dos seus filhos legítimos. Assim, no que concerne às mães, é escolhida uma ordem alternada Lia-Raquel-Lia-Raquel, começando sempre pela primeira esposa de Jacó, sendo que, no caso desta, a sua escrava surge posteriormente a ela (Gad-Aser após Judá-Rubem), e, no caso de Raquel, a escrava respectiva surge anteriormente (Neftali antes de Manassés e José-Benjamin).

A análise do ponto de vista da proximidade geográfica nos ajuda a perceber que o posicionamento dos grupos ocorre por saltos distanciados desconexos: sul, este, norte, centro, sul, norte e sul; dando a entender que a lista não tem um princípio geográfico na sua formação. Mas é importante notar o isolamento de Manassés no centro, que parece indicar uma posição especial.

Com relação ao conteúdo histórico, político e teológico das tribos, temos a constatação da preocupação de João em colocar a tribo de Judá em primeiro lugar, ao invés da tribo de Rubem (que se originou do primogênito de Lia: Gên. 49, 3-4), notadamente não só por causa de sua importância política e religiosa, já que dela originou-se o rei Davi, ou por aparecer em primeiro lugar em algumas listas do Antigo Testamento (Núm. 2, 3-31; 7, 12-83; 10, 14-27; 34, 19-28; Jos. 21, 4-7; 21, 9-40; Juízes 1; 1 Crôn. 4-7; 6, 39-48; 6, 49-66; 12, 24-38), mas também porque representa Jesus Cristo, o leão da tribo de Judá (Ap. 5, 5; Gên. 49, 9), cabeça da Igreja (Col. 1, 15-18; Ef. 1, 22-23). Outra constatação é a eliminação da tribo de Dã, a qual deveria estar presente para formar um grupo com Neftali, pois originou-se de Dã, filho de Bala, escrava de Raquel. A sua substituição pela tribo de Manassés é ilógica, uma vez que José, tribo do pai de Manassés, e Levi aparecem na oitava e na décima primeira posição (v. adiante: José e Levi desaparecem das listas quando os dois filhos de José são colocados).²⁶ Uma observação interessante é a preferência por Manassés em detrimento de Efraim. Os motivos da supressão, da substituição e da escolha parecem estar vinculados: à representação de Dã pela figura da serpente, que remete à imagem do Dragão (Ap. 12, 9; Gên. 49, 17; 3, 1.13; Isaías 27, 1; 2 Cor. 11, 3; Sab. 2, 24); ao fato de que Manassés foi ocasionalmente a favor de Davi e de Deus (1 Crôn. 12, 19-21.31.37-38; 2 Crôn. 30, 1.10-11.18; 31, 1); e ao histórico de idolatria, traição e apostasia atribuído a Dã e a Efraim (Juízes 17, 3-6; 18, 15-17.30-31; Amós 8, 14; 1 Reis 12, 25-30; Juízes 5, 17; Jer. 8, 16; Oseias 4, 17; 7, 11; 8, 9; 12, 1-2; Isaías 28, 1.3; Juízes 8, 1-3; 12, 1-7; 2 Crôn. 25, 10; 30, 10). Na literatura não canônica e patrística também encontramos uma conotação negativa com relação a Dã.²⁷ Para a nossa pesquisa, é importante já verificar que Manassés surge em sexto lugar, uma posição talvez indicadora da existência de um princípio simbólico na formação da lista, no sentido de assinalar a eliminação dos cristãos apóstatas do meio do Israel espiritual (2 Cor. 11, 3; 2 Tes. 2, 11-12), mediante a substituição de Dã por Manassés.²⁸

²⁶ C. R. Smith, em 'The Portrayal of the Church as the New Israel in the Names and Order of the Tribes in Revelation 7.5-8', *JSNT* 39 (1990): 111-18, avança a hipótese de que a substituição de Dã por Manassés remete à substituição de Judas Iscariotes por Matias (Atos 1, 23-26).

²⁷ Entre os *Doze Testamentos dos Doze Patriarcas*, o Testamento de Dã (5, 4-8) prediz a apostasia desta tribo. Ireneu, em *Adv. Haer.* 5.30.2, afirma que Dã foi suprimida porque dela virá o Anticristo. Esta afirmação parece ter gerado uma tradição, que está presente em vários textos patrísticos (v. W. Bousset, em *Der Antichrist in der Überlieferung des Judentums, des Neuen Testaments und der alten Kirche: Ein Beitrag zur Auslegung der Apokalypse* [Vandenhoeck und Ruprecht, Göttingen: 1895]: 112-14). Em contrapartida, David E. Aune, em *Revelation* (Word Biblical Commentary, 52B; Dallas: Word, 1997: vol. 2, 462), observa que a maioria das listas de tribos do antigo judaísmo não exclui Dã (na verdade, existem seis listas canônicas e seis listas não canônicas sem Dã). No entanto, a fonte de inspiração de João deve ter sido mais exatamente a figuração encontrada em Gên. 49, 17, e, subsidiariamente, o histórico bíblico negativo daquela tribo, não a literatura não canônica ou alguma tradição cristã tardia.

²⁸ R. Bauckham, em 'The List of the Tribes in Revelation 7 Again', *JSNT* 42 (1991): 113, entende que Dã foi suprimida para que a lista resultasse no total de doze tribos; e David E. Aune (p. 464) pensa que a tribo de José representa a tribo de Efraim, em virtude de uma glosa em Núm. 13, 8.11 (neste trecho a frase "da tribo de José" se refere a Manassés, não a Efraim; algo parecido ocorre em Núm. 1, 10.32; 26, 28; 34, 23; Juízes 1, 22; mas todos os casos tratam-se apenas de citações introdutórias para identificar Efraim e Manassés, juntos ou separados, como filhos de José). Estas hipóteses não levam em conta a análise comparativa das demais listas de tribos, a qual demonstra que João tende para Gên. 35, 23-26 e Gên. 46, 9-27, caracterizando-se claramente a intrusão de Manassés.

A comparação da lista de Ap. 7, 4-8 com as demais listas existentes na Bíblia e na literatura judaica antiga pode nos auxiliar na descoberta dos princípios formadores da lista de João, considerando-se preliminarmente que nenhuma outra lista é igual à de Ap. 7, 4-8.²⁹

As demais listas são as seguintes, enumeradas por grupos de tipos de listas similares, sendo que os nomes das mães estão abreviados pelas iniciais:

1. Gên. 29, 31-35; 30, 1-24; 35, 16-18 (tradições E-JP do Pentateuco; sécs. VIII, IX-V a.C.): Rubem-Simeão-Levi-Judá (L), Dã-Neftali (R-B), Gad-Aser (L-Z), Issacar-Zabulon (L), José-Benjamin (R). Similares: Demétrio, o cronografista, fragmento 2, 3-5.8.10.17-18 (três listas; III a.C.); Jubileus 28, 11-24; 32, 3 (II a.C.); F. Josefo, *Antiguidades Judaicas* 1.19.8; 1.21.3 (93 d.C.).

2. Gên. 35, 23-26 (P Pent.; V a.C.): Rubem-Simeão-Levi-Judá-Issacar-Zabulon (L), José-Benjamin (R), Dã-Neftali (R-B), Gad-Aser (L-Z). Similares: Jubileus 33, 22 (II a.C.); Pseudo-Fílon 8, 6 (71 d.C.); F. Josefo, *Ant.* 2.7.4 (93 d.C.).

3. Gên. 46, 9-27 (P Pent.; V a.C.): Rubem-Simeão-Levi-Judá-Issacar-Zabulon (L), Gad-Aser (L-Z), José-Benjamin (R), Dã-Neftali (R-B). Similar: Jubileus 44, 11-30 (II a.C.).

4. Gên. 49, 3-27 (J-P Pent.; IX-V a.C.): Rubem-Simeão-Levi-Judá-Zabulon-Issacar (L), Dã (R-B), Gad-Aser (L-Z), Neftali (R-B), José-Benjamin (R).

5. Êx. 1, 1-5 (P Pent.; V a.C.): Rubem-Simeão-Levi-Judá-Issacar-Zabulon (L), Benjamin (R), Dã-Neftali (R-B), Gad-Aser (L-Z).

6. Núm. 1, 5-15 (P Pent.; V a.C.): Rubem-Simeão-Judá-Issacar-Zabulon (L), Efraim-Manassés (R-J), Benjamin (R), Dã (R-B), Aser-Gad (L-Z), Neftali (R-B).

7. Núm. 1, 20-43 (P Pent.; V a.C.): Rubem-Simeão (L), Gad (L-Z), Judá-Issacar-Zabulon (L), Efraim-Manassés (R-J), Benjamin (R), Dã (R-B), Aser (L-Z), Neftali (R-B). Similar com a inversão Manassés-Efraim: Núm. 26, 5-50.

8. Núm. 2, 3-31 (P Pent.; V a.C.): Judá-Issacar-Zabulon-Rubem-Simeão (L), Gad (L-Z), Efraim-Manassés (R-J), Benjamin (R), Dã (R-B), Aser (L-Z), Neftali (R-B). Similares: Núm. 7, 12-83; Núm. 10, 14-27.

9. Núm. 13, 4-15 (P Pent.; V a.C.): Rubem-Simeão-Judá-Issacar (L), Efraim (R-J), Benjamin (R), Zabulon (L), Manassés (R-J), Dã (R-B), Aser (L-Z), Neftali (R-B), Gad (L-Z).

10. Núm. 34, 19-28 (P Pent.; V a.C.): Judá-Simeão (L), Benjamin (R), Dã (R-B), Manassés-Efraim (R-J), Zabulon-Issacar (L), Aser (L-Z), Neftali (R-B).

11. Deut. 27, 12-13 (D; VII a.C.): Simeão-Levi-Judá-Issacar (L), José-Benjamin (R), Rubem (L), Gad-Aser (L-Z), Zabulon (L), Dã-Neftali (R-B).

12. Deut. 33, 6-24 (E Pent.; VIII a.C.): Rubem-Judá-Levi (L), Benjamin-José (R), Zabulon-Issacar (L), Gad (L-Z), Dã-Neftali (R-B), Aser (L-Z).

13. Jos. 13-19 (P de Jos.; V a.C.): Rubem (L), Gad (L-Z), Manassés (R-J; meia-tribo), Judá (L), Efraim-Manassés (R-J), Benjamin (R), Simeão-Zabulon-Issacar (L), Aser (L-Z), Neftali-Dã (R-B).

14. Jos. 21, 4-7 (P de Jos.; V a.C.): Judá-Simeão (L), Benjamin (R), Efraim (R-J), Dã (R-B), Manassés (R-J; meia-tribo), Issacar (L), Aser (L-Z), Neftali (R-B), Manassés (R-J; meia-tribo), Rubem (L), Gad (L-Z), Zabulon (L).

15. Jos. 21, 9-40 (P de Jos.; V a.C.): Judá-Simeão (L), Benjamin (R), Efraim (R-J), Dã (R-B), Manassés (R-J; duas meia-tribos), Issacar (L), Aser (L-Z), Neftali (R-B), Zabulon-Rubem (L), Gad (L-Z).

16. Juízes 1 (VIII-V a.C.): Judá-Simeão (L), Benjamin (R), Manassés-Efraim (R-J), Zabulon (L), Aser (L-Z), Neftali-Dã (R-B).

17. 1 Crôn. 2, 1-2 (IV a.C.): Rubem-Simeão-Levi-Judá-Issacar-Zabulon (L), Dã (R-B), José-Benjamin (R), Neftali (R-B), Gad-Aser (L-Z).

18. 1 Crôn. 4-7 (IV a.C.): Judá-Simeão-Rubem (L), Gad (L-Z), Manassés (R-J; meia-tribo), Levi-Issacar (L), Benjamin (R), Neftali (R-B), Manassés-Efraim (R-J), Aser (L-Z).

²⁹ G. Buchanan Gray, em *Encyclopaedia Biblica* 4: 5208-09, e *Expositor* ser. 6, 5 (1902): 225-40, afirma que a lista de Ap. 7, 4-8 originalmente deveria ter sido da seguinte forma: Judá, Rubem, Simeão, Levi, Issacar, Zabulon, José, Benjamin, Gad, Aser, Neftali e Manassés. O pressuposto desta hipótese poderia ser uma modificação intencional do redator final, ou um erro, tanto do redator como do copista. Conforme a teoria apresentada no presente texto, o mais provável seria uma modificação intencional.

19. 1 Crôn. 6, 39-48 (IV a.C.): Judá (L), Benjamin (R), Manassés (R-J; meia-tribo), Issacar (L), Aser (L-Z), Neftali (R-B), Manassés (R-J; meia-tribo), Rubem (L), Gad (L-Z), Zabulon (L).

20. 1 Crôn. 6, 49-66 (IV a.C.): Judá-Simeão (L), Benjamin (R), Efraim-Manassés (R-J; Manassés: duas meia-tribos), Issacar (L), Aser (L-Z), Neftali (R-B), Zabulon-Rubem (L), Gad (L-Z).

21. 1 Crôn. 12, 24-38 (IV a.C.): Judá-Simeão-Levi (L), Benjamin (R), Efraim-Manassés (R-J; Manassés: meia-tribo), Issacar-Zabulon (L), Neftali-Dã (R-B), Aser (L-Z), Rubem (L), Gad (L-Z), Manassés (R-J; meia-tribo).

22. 1 Crôn. 27, 16-22 (IV a.C.): Rubem-Simeão-Levi-Judá-Issacar-Zabulon (L), Neftali (R-B), Efraim-Manassés (R-J; Manassés: duas meia-tribos), Benjamin (R), Dã (R-B).

23. Ez. 48, 1-29 (VI a.C.): Dã (R-B), Aser (L-Z), Neftali (R-B), Manassés-Efraim (R-J), Rubem-Judá (L), Benjamin (R), Simeão-Issacar-Zabulon (L), Gad (L-Z).

24. Ez. 48, 30-35 (VI a.C.): Rubem-Judá-Levi (L), José-Benjamin (R), Dã (R-B), Simeão-Issacar-Zabulon (L), Gad-Aser (L-Z), Neftali (R-B).

25. Testamentos dos Doze Patriarcas (II a.C.-I d.C.): Rubem-Simeão-Levi-Judá-Issacar-Zabulon (L), Dã-Neftali (R-B), Gad-Aser (L-Z), José-Benjamin (R). Similares: Jubileus 34,20 (II a.C.); Pseudo-Fílon 26,10-11 (71 a.C.).

26. Testamento de Judá 25, 1-2 (II a.C.): Levi-Judá-Simeão-Rubem-Issacar-Zabulon (L), José-Benjamin (R), Dã-Neftali (R-B), Gad-Aser (L-Z).

27. Jubileus 38, 5-8 (II a.C.): Judá (L), Neftali (R-B), Gad (L-Z), Levi (L), Dã (R-B), Rubem-Issacar-Zabulon-Simeão (L), Benjamin (R), Henoc (filho de Rubem).

28. 11QTemple, col. 24.10-16 (II a.C.): Judá (L), Benjamin (R), Efraim-Manassés (R-J), Rubem-Simeão-Issacar-Zabulon (L), Gad-Aser (Z).

29. 11QTemple, col. 39.12-13 (II a.C.): Simeão-Levi-Judá-Rubem (L), José-Benjamin (R), Issacar-Zabulon (L), Gad (L-Z), Dã-Neftali (R-B), Aser (L-Z).

30. 11QTemple, col. 39.14-16; 40.15; 41 (II a.C.): Simeão-Levi-Judá-Issacar-Zabulon (L), Gad (L-Z), Dã-Neftali (R-B), Aser (L-Z).

31. 11QTemple, col. 44 (II a.C.): Simeão-Judá-Levi-Rubem (L), Efraim-Manassés (R-J), Benjamin (R), Issacar (L).

32. 4Q554, frag. 1, cols. 1-2 (I d.C.): Simeão-Levi-Judá (L), José-Benjamin (R), Rubem-Issacar-Zabulon (L), Gad (L-Z), Dã (R-B), Aser (L-Z), Neftali (R-B).

33. Fílon, *De Somniis* 2.5.34-40 (30 d.C.): Rubem-Simeão-Levi-Judá-Issacar-Zabulon (L), Dã (R-B), Gad-Aser (L-Z), Neftali (R-B), Benjamin (R).

34. Pseudo-Fílon 8, 11-14 (71 d.C.): Rubem-Simeão-Levi-Judá-Issacar-Zabulon (L), Dã-Neftali (R-B), Gad (L-Z), Efraim-Manassés (R-J), Benjamin (R).

35. Pseudo-Fílon 10, 3 (71 d.C.): Rubem-Issacar-Zabulon-Simeão (L), Gad-Aser (L-Z), Dã-Neftali (R-B), Levi-Judá (L), José-Benjamin (R).

36. Pseudo-Fílon 25, 4 (71 d.C.): Judá-Rubem-Simeão-Levi-Issacar-Zabulon (L), Gad-Aser (L-Z), Manassés-Efraim (R-J), Benjamin (R).

37. Pseudo-Fílon 25, 9-13 (71 d.C.): Rubem-Levi-Issacar-Zabulon (L), Dã-Neftali (R-B), Gad-Aser (L-Z), Manassés-Efraim (R-J), Benjamin (R).

Os modelos básicos das listas são os tipos 1, 2 e 3, os quais sofrem modificações devido a motivos territoriais, geográficos, políticos, militares, teológicos e redacionais. Esta observação denota a importância do livro de Gênesis para o fator de influência. A lista de Ap. 7, 4-8 também obedece aos princípios daqueles modelos, como o de colocar em primeiro lugar Lia e em segundo Raquel; mas se especializa pela ordenação das tribos das escravas em ordem respectiva (Lia-Zelfa, Raquel-Bala, ao invés de Raquel-Bala, Lia-Zelfa) e pelo posicionamento delas na primeira metade. Isto permite a suspeita de que nela também há um motivo particular.

A comparação estatística determina que os tipos se contrapõem a Ap. 7, 4-8 nos seguintes detalhes:

a) a tribo de Judá aparece no início junto e antes da tribo de Rubem apenas em uma lista (Pseudo-Fílon 25, 4);

b) Gad, Aser, Dã e Neftali aparecem muito mais na segunda metade, conforme as seguintes frequências: Gad vinte e seis vezes, Aser trinta vezes, Dã vinte e quatro vezes e Neftali trinta vezes; na primeira metade prevalecem aparições isoladas: Gad cinco vezes, Aser uma vez, Dã

quatro vezes e Neftali uma vez, contra os grupos Dã-Neftali (duas vezes), Gad-Aser (uma vez), Dã-Aser-Neftali (uma vez) e Neftali-Gad-Dã (uma vez);

c) a ordem Dã-Neftali surge na grande maioria das listas, ao invés de Neftali-Dã (esta somente aparece em três tipos de listas: Jos. 13-19; Juízes 1; 1 Crôn. 12, 24-38);

d) o mais frequente é a colocação de Gad-Aser após Dã-Neftali (oito tipos contra três; além disso, os dois grupos aparecem intercalados entre si em sete tipos, e também ocorre a alternância das tribos em outros sete tipos);

e) Dã vem antes de Neftali e Gad-Aser em dezessete tipos de listas;

f) Dã aparece apenas uma vez no sexto lugar (Ez. 48, 30-35);

g) com relação à tribo de Manassés, deve-se dizer que das vinte vezes em que ela surge, por dezesseis vezes ela se apresenta junto da de Efraim, sendo que em doze vezes, contra oito, ela está na segunda metade; quando ambas as tribos aparecem, a de José fica ausente; e a de Manassés sempre substitui a de Levi (que acaba sendo suprimida de algumas listas porque não possuía território) ou naturalmente a de José, nunca a de Dã;

h) as demais tribos surgem frequentemente na primeira metade, praticamente em trinta tipos de listas, embora às vezes parcialmente.

Estes detalhes acabam demonstrando que João não segue um pensamento lógico perante os princípios internos das demais listas, o que torna Ap. 7, 4-8 bastante peculiar.

Por fim, devemos também estudar Ap. 7, 4-8 do ponto de vista das semelhanças nas sequências com outras listas, para descobriremos se João tende para alguma lista em particular. Seleccionemos então estas listas:

a) Judá-Rubem no início: Pseudo-Fílon 25, 4; invertida Rubem-Judá em Deut. 33, 6-24 e Ez. 48, 30-35;

b) Gad-Aser na primeira metade: somente em Pseudo-Fílon 10, 3;

c) Gad-Aser-Neftali: ocorre somente na segunda metade: Gên. 49, 3-27; *De Somniis* 2.5.34-40; Núm. 1, 5-15 (com inversão Aser-Gad-Neftali); e Ez. 48, 30-35;

d) Aser-Neftali-Manassés na primeira metade: somente em Ez. 48, 1-29; a alternativa Aser-Neftali-Dã: somente aparece na segunda metade em Jos. 13-19 e Juízes 1;

e) Manassés no sexto lugar: Jos. 13-19 (meia-tribo); 21, 4-7; 21, 9-40 (meia-tribo); 1 Crôn. 12, 24-38 (meia-tribo); e 11QTemple, col. 44;

f) Simeão-Levi-Issacar-Zabulon: ocorre apenas na primeira metade: Gên. 46, 9-27 (Judá entre Levi e Issacar);

g) Simeão-Levi-Issacar-Zabulon-José-Benjamin: somente aparece na primeira metade: Gen. 35, 23-26 (Judá entre Levi e Issacar).

A sequência da letra g acima demonstra que Gên. 35, 23-26 serve como lista básica de formação, pois contém originalmente a mesma sequência, mas com Rubem antes e Judá entre Levi e Issacar (perceba-se que João inclui a tribo de Levi em sua lista, o que confirma sua tendência para Gên. 35, 23-26, mesmo que coloque a de Manassés, a qual aparece nas demais listas somente quando a de Levi não aparece). O deslocamento de Judá para antes de Rubem, provocado por motivos teológicos, forma a sequência de Ap. 7, 4-8, ocorrendo, no entanto, a sua fragmentação com o núcleo Gad-Aser-Neftali-Manassés, posto entre Rubem e Simeão. Este núcleo não existe em nenhuma lista, a não ser de maneira fragmentária em Gad-Aser, Gad-Aser-Neftali e Aser-Neftali-Manassés ou Aser-Neftali-Dã.

A ocorrência de Gad-Aser e Aser-Neftali-Manassés na primeira metade somente se dá em duas listas, enquanto Gad-Aser-Neftali e a alternativa Aser-Neftali-Dã sempre surgem na segunda metade, o que denota a falta de lógica de Ap. 7, 4-8 perante a maioria das listas. A possibilidade estatística de se colocar Manassés após Neftali é praticamente nula, pois a sequência acontece apenas em Ez. 48, 1-29. A colocação de Manassés no sexto lugar nas demais listas acima citadas não deve ser considerada, porque se trata de um isolamento particular, independente das sequências.

O que se pode deduzir da sequência Gad-Aser-Neftali-Manassés é que a sua própria fragmentação indica que João não levaria em conta o padrão de nenhuma das listas coincidentes a ela, porque seria um trabalho muito complexo de montagem, na busca de listas esparsas. Assim, a sequência é peculiar somente de Ap. 7, 4-8.

Poderia ser que o início de Ap. 7, 4-8 tivesse uma inspiração geográfica com a sequência Rubem-Gad, como vemos em Jos. 13-19, dando motivação para se colocar os grupos Gad-Aser e Neftali-Manassés no início. Mas, como já vimos, uma inspiração geográfica deve ser descartada.

Disto tudo podemos concluir que Ap. 7, 4-8 tende para Gên. 35, 23-26. No entanto, Gên. 46, 9-27 transparece de forma subsidiária, devido à adoção da ordem respectiva Lia-Zelfa, Raquel-Bala. Desta maneira, ao utilizar-se destas listas modelares, a montagem tornava-se mais simples e acessível para João no processo de busca e ordenação. Aparentemente, a modificação que ele fez, por meio da colocação dos grupos das escravas entre Rubem e Simeão, deve ter tido o objetivo de conformar a lista de um modo tal, que permitisse o surgimento de Manassés no sexto lugar, em substituição de Dã. Se realmente foi assim, fica confirmado que em Ap. 7, 4-8 há princípios teológicos na sua formação, assinalados por dois deslocamentos: o de Judá e o dos grupos das escravas; e, notadamente, a semelhança de Ap. 7, 4-8 com as duas listas citadas demonstra que a tribo de Manassés é uma verdadeira intrusa e nunca deveria estar ali presente: sua colocação foi uma decisão deliberada de João.³⁰

A constatação do deslocamento ilógico dos grupos Gad-Aser e Dã-Neftali para a primeira metade da lista indica que João desejava dispor os grupos das escravas em conjunto. Isto teria acontecido porque ficaria sem sentido deslocar a tribo de Dã sem deslocar os grupos das escravas, aos quais ela pertence por uma questão de ordenação óbvia (como vemos em Gên. 35, 23-26). Assim, devido a esta observação e à preferência pela inclusão de Levi e José, podemos perceber que João não pretendia substituir nenhuma outra tribo a não ser a de Dã. Naturalmente, quando João dispôs os grupos das escravas entre Rubem e Simeão, ele não quis colocar Manassés antes de Neftali, que é a posição original de Dã em Gên. 46, 9-27, e a preferida na maioria das listas; mas sim após Neftali, na sexta posição, ferindo completamente a lógica. A intenção desta modificação seria de rememorar a Besta pelo número seis, sem dúvida por causa de Ap. 13, 18, e indicar os seus seguidores, os apóstatas, que foram eliminados do meio do Israel espiritual (v. Ap. 14, 3.9-11; 15, 2-4; 19, 19-20; 20, 4). Esta eliminação se fez pela substituição simbólica de Dã — a figura do apóstata — por Manassés.

Para visualizar esta teoria e a manipulação entre as listas de Gên. 35, 23-26 e Ap. 7, 4-8, veja o gráfico 1 ao final deste texto.

3.2 *Objecções ao simbolismo de Ap. 7, 4-8*

Para a teoria apresentada pode-se opor três objeções.

A primeira objeção é a de que Manassés acabou ficando em sexto lugar por mera consequência do desejo de João de dispor as três tribos das escravas uma perto da outra (Gad-Aser-Neftali). Mas esta possibilidade se desfaz perante os seguintes fatores fortemente determinantes: a preferência por colocar os grupos das escravas na primeira metade da lista, causando a fragmentação ilógica do grupo de Lia; a escolha da ordem respectiva Lia-Zelfa, Raquel-Bala, propiciando a colocação da sequência Neftali-Manassés nos quinto e sexto lugares; o significado negativo que 666 e a figura da serpente atribuem respectivamente ao número seis e à tribo de Dã; e a própria substituição de Dã por Manassés, que cria uma relação do número seis com a apostasia e o Anticristo. Ademais, caso a sua intenção não fosse marcar o sexto lugar, João poderia ter posicionado as tribos das escravas no final da lista, deixando Manassés no décimo segundo lugar (v. nota 29), ou, em qualquer outro lugar; e, também, não se pode dizer que a ordenação de Ap. 7, 4-8 seja aleatória, considerando-se que a inspiração geral do autor pelo Antigo Testamento permite deduzir a existência de uma lista prévia veterotestamentária.³¹

³⁰ A lista de Ap. 7, 4-8 pode ser a reprodução de alguma lista tradicional adotada pela comunidade de João. De qualquer maneira, esta tradição também obedeceria ao padrão de Gên. 35, 23-26 e Gên. 46, 9-27, e refletiria o desejo de excluir e substituir a tribo de Dã, marcando o seu lugar com o número seis.

³¹ Apesar de que a reunião dos filhos das escravas (Gad-Aser-Neftali) parece ter sido conveniente para permitir a colocação de Manassés no sexto lugar. Ou seja, a inversão de Dã-Neftali para Neftali-Dã ou Neftali-Manassés por

A segunda objeção é a de que não poderia haver intenção simbólica numérica, tendo em vista que, se assim ocorresse, todos os números da lista teriam de ganhar significados conforme a tipologia de cada tribo. É visível que as outras tribos não atribuem um significado específico para os números respectivos. Mas observe-se que em todo o texto do Apocalipse a preocupação do autor é a de realçar principalmente duas figuras: a do leão de Judá e a da Besta. Desta forma, de seu ponto de vista simbólico, as demais tribos não eram importantes. Os deslocamentos da tribo de Judá e dos grupos das escravas indicam quais eram as tribos especiais que ele precisava assinalar, levando-se em conta os princípios determinantes de Ap. 5, 1-5; 2, 8; e 13, 18.

Por fim, a terceira objeção é a de que a intenção simbólica de Ap. 7, 6 não poderia existir porque não é imediatamente perceptível para o leitor. Porém, deve-se lembrar que a característica principal do gênero apocalíptico é a de dificultar o entendimento de sua mensagem por meio de códigos que não podem ser compreendidos de imediato. Muitos trechos do Apocalipse até hoje não têm explicação, e, em todo o seu texto há coisas imperceptíveis, como, por exemplo, a existência de sete bem-aventuranças espalhadas através dele (Ap. 1, 3; 14, 13; 16, 15; 19, 9; 20, 6; 22, 7.14). Além do mais, a própria passagem de Ap. 13, 18 não deixa dúvidas de que João não quis colocar tudo em evidência.

4. Comparação de Ap. 7, 4-8 com as listas dos apóstolos

Como João relaciona as tribos de Israel aos doze apóstolos de Jesus (Ap. 21, 12.14), pode haver a possibilidade de que ele, em Ap. 7, 4-8, tenha desejado sutilmente remeter à lista nominal dos apóstolos e à sua história.

No Novo Testamento existem quatro listas dos apóstolos, encontradas em Mat. 10, 2-4; Marc. 3, 13-19; Luc. 6, 12-16; e Atos 1, 13. O quarto evangelho nos dá apenas citações esparsas (João 1, 35-51; 13, 26; 14, 5.8; 21, 2). Este último cita nominalmente André, Pedro, Felipe, Natanael, Judas Iscariotes e Tomé, e possivelmente mais seis, não nomeados, ou seja, o discípulo que Jesus amava, os filhos de Zebedeu e três incógnitos (João 1, 40; 13, 23; 19, 26; 20, 2; 21, 2.7.20). Em João 14, 22, o autor do quarto evangelho menciona outro Judas, que deve ser um dos três incógnitos, pois chama os discípulos de “os Doze” (v. João 20, 24).

Entre as listas dos três primeiros evangelhos, chamados *sinóticos* (porque podem ser lidos quase que ao mesmo tempo), há variações:

- a) Mateus coloca o próprio Mateus em oitavo lugar, enquanto Lucas e Marcos no sétimo;
- b) Lucas passa Simão para o décimo lugar, enquanto Mateus e Marcos o colocam no décimo primeiro;
- c) Marcos coloca André em quarto lugar, intercalando Pedro e André (que é irmão de Pedro) com os irmãos Tiago e João, enquanto Mateus e Lucas colocam os irmãos juntos, sendo que André surge em segundo lugar após Pedro;
- d) e Lucas muda o nome de Tadeu para Judas, irmão de Tiago, filho de Alfeu.

O evangelho de João nomeia Natanael, que não está nas listas dos sinóticos, identificado pela tradição com Bartolomeu.

Nos Atos, a relação de apóstolos é bem diversa das outras relações: João passa para o segundo lugar, entre Pedro e Tiago; Tomé para o sexto, entre Felipe e Bartolomeu; e Simão para o décimo, entre Judas (Tadeu) e Tiago.

Nas listas dos evangelhos sinóticos, Judas Iscariotes, o traidor, aparece sempre no décimo segundo lugar. Mais tarde, é substituído por Matias, o qual teve de concorrer com José Barsabás, o Justo (Atos 1, 23-26). Já neste fato podemos perceber uma possível relação com a lista do Apocalipse: o autor substitui o contrário ao Messias — Dã, a serpente, ou Judas Iscariotes, que foi inspirado pelo Diabo (v. João 13, 27) — por um a seu favor: Manassés ou Matias. Assim como Manassés concorre com Efraim, Matias concorre com José Barsabás, o Justo.

dentro do grupo das escravas pode ter sido concebida a partir da observação de João de que a reunião de Neftali às tribos Gad-Aser propiciava sua intenção de colocar Manassés no sexto lugar.

Para tentarmos relacionar Ap. 7, 4-8 com a lista dos apóstolos, de maneira que Dã oculto esteja paralelo a Judas Iscariotes, deveremos nos basear na lista de Gên. 35, 23-26, relacionando as tribos em grupos, começando pelas mulheres legítimas. Também, para se fazer a comparação, a lista dos apóstolos deve ser harmonizada, ou seja, ser montada conforme a verificação das posições mais estáveis entre as listas do Novo Testamento. Assim, desta forma encontraremos as disposições constantes do gráfico 2 ao final deste texto (v. tb. notas 26 e 29).

Nesta comparação entre as listas, vemos que João coloca Gad e Aser antes de Neftali, e Dã, ou Manassés, para depois de Neftali. Tendo em vista a lista dos apóstolos, parece que tais modificações foram intencionais, para que Dã ou Manassés se direcionem para Judas Iscariotes ou Matias. Após estas mudanças, João teria deslocado o grupo das escravas para depois de Rubem, deixando Dã ou Manassés, por consequência, Judas Iscariotes e Matias, para o sexto lugar, e, assim, simbolizá-los com o número 6.

Há outras coincidências: Pedro, chefe dos doze apóstolos, está no primeiro lugar, como Judá, chefe das doze tribos; existem quatro filhos principais de Lia e quatro apóstolos principais; Tiago, filho de Alfeu, e Tadeu, como Gad e Aser, são irmãos; os apóstolos Tiago e João foram chamados “Boanerges” ou “filhos do trovão”, talvez por causa de suas naturezas impetuosas (v. Marc. 3, 17; Luc. 9, 54), enquanto Simeão e Levi tinham caráter violento em Gên. 49, 5-7. Estas coincidências confirmam um possível paralelismo entre as listas.

Conclusão

Procedendo-se à revisão das duas principais interpretações sobre o número 666, pôde-se averiguar que o significado simbólico desta cifra somente deve ser extraído do próprio texto do Apocalipse, muito embora possa ter havido uma influência tipológica sobre o autor advinda de passagens do Antigo Testamento, como as de 1 Sam. 17, 4.7; e 2 Sam. 21, 20-21.

No entanto, não se pode negar a possibilidade do emprego da gematria por parte de João, considerando-se que 666 representa obrigatoriamente um nome, sendo resultado evidente de uma operação matemática, apesar de o autor não revelar a sua equação.

Desta forma, parece ser conveniente a conjugação de ambas as interpretações.

O padrão de pensamento simbólico e tipológico do autor sobre o número 666 pode ser confirmado pela análise da formação da lista das Doze Tribos de Israel, que se encontra em Ap. 7, 4-8. A sua disposição permite entrever uma manipulação com o intuito de fazer surgir a tribo de Manassés no sexto lugar, indicando que ali havia a tribo de Dã, que teria sido marcada primitivamente com o número seis, devido à sua relação com a apostasia e o Anticristo.

Por fim, a possível relação da lista das Doze Tribos de Israel com a lista dos Doze Apóstolos e a sua história (substituição de Judas Iscariotes por Matias, entre outras coincidências) nos permite concluir que o autor do Apocalipse também estaria fazendo um paralelo simbólico e tipológico entre o Antigo e o Novo Testamento, o que fecha a sua cadeia de significados ocultos apocalípticos e proféticos, totalmente contida e sintetizada no número 666.

Gráfico 1

Gên. 35, 23-26 Ap. 7, 4-8

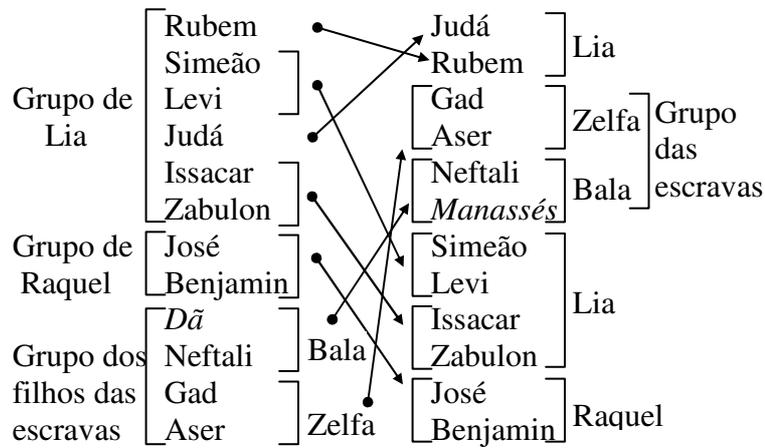
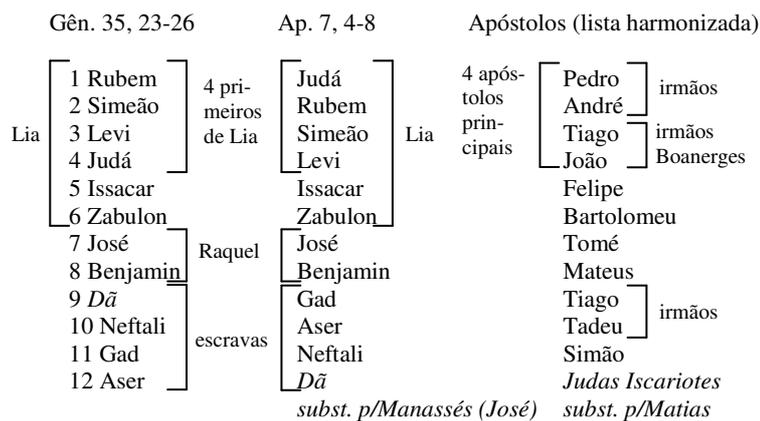


Gráfico 2





Frente e verso do documento encontrado no ano de 1951 em Wadi Murabba'at, com NRW QSR ("Nero César") no fim da primeira linha.

Reconstituição da primeira linha (lê-se da direita para a esquerda)

R S Q NWRN L Y T R T

